



MEIO AMBIENTE

# Só 53% do cerrado continuam em pé

De acordo com levantamento do Mapbiomas, em 37 anos o ecossistema perdeu praticamente a metade de sua área para a produção agropecuária. E, mesmo assim, produz menos do que poderia

» TAINÁ ANDRADE

Apenas 53,1% do cerrado se mantêm intactos. A constatação é do Mapbiomas, que denuncia o feroz avanço das atividades agrícolas — expandiram-se 508%, passando de quatro milhões de hectares para quase 25 milhões de hectares. Especialistas afirmam que a degradação se deu ao longo de 37 anos, um espaço de tempo considerado curto e que torna ainda mais grave a situação do bioma.

Segundo Laerte Guimarães, professor da Universidade Federal de Goiás (UFG) e coordenador do Atlas das Pastagens, o desmatamento do cerrado deu um grande salto nos últimos três anos. Um novo padrão tem sido observado no monitoramento, com frentes de expansão no norte de Goiás e no oeste do Tocantins. “É uma terceira frente. Infelizmente, vimos o desmatamento retomar em todos os biomas do Brasil. No caso do Cerrado, (o desmatamento) ficou como se fosse um preço justo em troca da preservação da Amazônia”, acusou.

As derrubadas, porém, cobram um preço que prejudica até mesmo quem as pratica para poder aumentar a área de produção. “Importante ressaltar que os impactos estão comprometendo o agronegócio. A capacidade das terras do cerrado de servirem como grandes áreas geradoras de alimentos nos leva à insegurança alimentar. Existem dados irrefutáveis de que o bioma está se tornando mais seco e mais quente”, alerta Laerte.

Um estudo publicado pela revista *Science*, do qual o Mapbiomas participou, aponta que o desmatamento em todo o planeta está de 90% a 99% associado à agropecuária. No Brasil, essa porcentagem é de 98%.

No cerrado, a monocultura da

Nelson Almeida/AFP



Áreas derrubadas no cerrado têm servido para a expansão do agronegócio. Nos últimos três anos, os pesquisadores perceberam grande avanço

soja é uma das principais responsáveis pelo desmatamento, de acordo com levantamento do Instituto Sociedade, População e Natureza (ISP). Entre agosto de 2020 e julho de 2021, o bioma perdeu uma área de vegetação nativa equivalente a seis cidades como a capital do estado de São Paulo — um aumento de 8% em relação ao mesmo período de 2019.

Ainda assim, a produção no cerrado é menor do que poderia ser. Laerte explica que ocupar áreas de forma inteligente e sustentável favorece o agronegócio, pois o bioma foi convertido, em sua maioria, em áreas cultiváveis.

“Poderia solucionar dois problemas ao mesmo tempo: aumentar a produção sem causar novos desmatamentos e ocupar regiões degradadas. Trechos que não têm aptidão agrícola poderiam servir para a regeneração do Cerrado”, argumenta.

Terena Castro, assessora técnica do ISP, ressalta a possibilidade de a devastação vista atualmente trazer a insegurança alimentar. “A ameaça real é um risco para a nossa segurança alimentar, para nossas fontes de água e para o equilíbrio climático global”, salienta.

## Desperdício

A principal descoberta dessa análise publicada na *Science* é que a maior parte da área derrubada em todo o planeta — entre 40 a 45%, variando de país e de bioma — não se torna produtiva. Constatou-se que houve lugares em que se retirou a vegetação, mas os desmatadores, depois de terem feito o estrago, perceberam que ali não havia condições de produção. O resultado é que essas áreas são abandonadas ou mal utilizadas.

“Há um grande desperdício de vegetação natural. A questão principal é que não precisa desmatar mais para produzir a pecuária. Tem é que saber como

fazer o bom uso do solo. Grande parte da produção brasileira acontece com baixa qualidade”, aponta Tasso Azevedo, coordenador-geral do Mapbiomas.

Ele salienta que se o produtor adotar práticas de agricultura de baixo carbono, por exemplo, é possível ter um solo mais bem manejado. “A chave é aumentar a produtividade e as práticas para aumentar a conservação dos solos nos pastos, o que leva a melhorar a produtividade, usar menos área. Isso leva a sobrar mais áreas para os cultivos agrícolas e para a recuperação de florestas em áreas agrícolas”, ensina.

## RIO DE JANEIRO

# Ex-secretário de Polícia Civil preso em ação do MP

O ex-secretário de Polícia Civil do Rio Allan Turnowski foi preso, ontem, em uma operação do Ministério Público do Rio de Janeiro (MP-RJ). O delegado é investigado por organização criminosa e envolvimento com o jogo do bicho. Ele havia se afastado do cargo para tentar uma cadeira na Câmara dos Deputados, nas eleições de outubro, pelo PL, partido do presidente Jair Bolsonaro. Outro policial, o ex-diretor da Divisão de Homicídios, Antonio Ricardo, candidato a deputado estadual, foi alvo de busca e apreensão na mesma ação.

Turnowski foi preso em casa. Os mandados foram pedidos pelo Grupo de Atuação Especial de Repressão ao Crime Organizado (Gaeco) do MP fluminense. Os mandados foram expedidos pelo juiz Bruno Rulière, da 1ª Vara Criminal Especializada. O ex-secretário foi detido em consequência das investigações sobre o delegado Maurício Demétrio, preso desde o ano passado, acusado de corrupção e investigado por

suspeita de forjar operações para incriminar adversários.

“Por enquanto, ele está sendo investigado, e vamos apurar os fatos que estão sendo imputados. É muito suspeito, em época de eleição, já que está vindo a deputado, aparecer uma busca e apreensão na casa dele, onde nada de ilícito foi encontrado”, diz a advogada Adriana Gláucio, que defende o ex-delegado.

Turnowski chefiou a Polícia Civil fluminense pela primeira vez entre 2010 e 2011, no governo de Sérgio Cabral, quando a corporação era subordinada à Secretaria de Segurança. Ele deixou o cargo por causa da investigação da Polícia Federal (PF) sobre o suposto vazamento de uma operação. O inquérito foi arquivado por falta de provas e o delegado alegou inocência.

Em 2020, Turnowski voltou ao cargo, mas elevado à condição de secretário. A pasta foi extinta no governo de Wilson Witzel, e as polícias Civil e Militar viraram secretarias independentes.

Reprodução redes sociais



Turnowski (D) e o governador do RJ em campanha no 7 de Setembro

## Jacarezinho

Foi na administração de Turnowski que aconteceu a chacina do Jacarezinho, quando 28 pessoas foram mortas numa ação da Polícia Civil. O então secretário sempre defendeu a ação, apesar da determinação do Supremo Tribunal Federal (STF) de restringir as operações nas favelas no Rio durante

a pandemia — tanto que o número de ações da polícia aumentou entre 2020 e 2021.

No feriado do 7 de Setembro, Turnowski participou dos atos bolsonaristas na Praia de Copacabana. Tanto que nas redes sociais ele aparece ao lado do presidente da República e do governador Cláudio Castro (PL) pedindo votos para tentar uma cadeira de deputado federal.

## » Inquérito é desarquivado

A pedido do Ministério Público de São Paulo (MP-SP), o juiz Jorge Panserini, da 1ª Vara de Porto Feliz, determinou o desarquivamento de um inquérito sobre suposto sequestro e cárcere privado cometido por Thiago Brennand Fernandes Vieira — flagrado por câmeras de segurança como suspeito de agredir a modelo Helena Gomes em uma unidade da academia Bodytech, do Shopping Iguatemi, em São Paulo, em agosto. A investigação em questão é sobre a acusação de uma mulher que diz que foi forçada a fazer tatuagem com as iniciais de Thiago. O desarquivamento se deu após reportagem do *Fantástico* detalhar as acusações feitas pela vítima. No último domingo, o MP-SP denunciou Brennand, pelas agressões a Helena. No mesmo dia, Thiago foi para Dubai, nos Emirados Árabes, mas, segundo seus advogados, tem data para retornar ao Brasil.

## MORTES DE PETS

# Fornecedora de insumo põe culpa em importadora

Identificada pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) como a fornecedora de matéria-prima para a Bassar Pet Food, a Tecnoclean Industrial Ltda informou, na noite da última quinta-feira, que adquiriu a substância propilenoglicol de uma importadora e a revendeu. A empresa afirma que se mantém à disposição das autoridades públicas e sanitárias na investigação que apura a suspeita de intoxicação de cães após comerem petiscos da marca Bassar.

Na última terça-feira, o ministério anunciou a suspensão do uso de dois lotes do ingrediente que apresentavam irregularidades. Segundo a Polícia Civil de Minas Gerais, passam de 40 as mortes de cachorros em vários estados.

“A Tecnoclean Industrial Ltda afirma que não fabrica propilenoglicol, tendo comprado da empresa A&D Química Comércio Eireli e revendeu ao mercado nacional como distribuidora”, disse em nota. Ainda de acordo com a empresa, caso fique comprovada a contaminação, a falha deve ser avaliada entre o importador e o fabricante. Procurada, a A&D Química não respondeu até a publicação da reportagem.

## Investigações

Após a morte de ao menos nove cachorros em São Paulo e em Minas por suspeita de intoxicação ao consumir os petiscos, o ministério determinou o fechamento da fábrica da Bassar, o recolhimento dos produtos e suspendeu dois lotes (AD5053C22 e AD4055C21) do ingrediente fornecido pela Tecnoplan. Isso ocorreu porque o propilenoglicol — insumo utilizado pelo setor industrial na fabricação de alimentos para humanos e animais — adquirido pela Bassar estaria contaminado com etilenoglicol, a mesma substância que causou a morte de 10 pessoas que consumiram a cerveja Backer, em 2019.

Ainda segundo o ministério, a Tecnoclean não possui licença para fornecimento da substância para indústria de alimentação animal. “Embora rotulados como se tivessem sido fabricados pela Tecnoclean, o estabelecimento é apenas um depósito cujas atividades econômicas licenciadas não envolve a fabricação de produtos para alimentação animal”, acrescentou em nota.

Até o momento, a Polícia Civil de Minas afirma que, além do estado e de São Paulo, Distrito Federal, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul, Alagoas, Sergipe e Goiás têm relatos de intoxicação de cachorros. Conforme investigações, já são pelo menos 48 mortes registradas com a mesma suspeita, sendo oito delas apenas em Belo Horizonte registradas até a última segunda-feira. Outros cães permanecem internados com quadro de falência renal, segundo a delegada Danúbia Quadros, responsável pelas investigações.

Laudo preliminar divulgado pela Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com base na necropsia de dois animais intoxicados, identificou a presença de monoetilenglicol no corpo de um deles. Conhecida também como etilenoglicol, a substância é geralmente usada para refrigeração e pode ser encontrada em baterias, motores de carro, além de freezers e geladeiras.